

MUDANDO CONCEITOS: “HOLOCAUSTO” vs. “SHOÁH”

Marcos Faber

A expressão “holocausto” está caindo em desuso. Mas não pelo motivo de que se esteja pretendendo negar o que os nazistas fizeram com os judeus na Segunda Guerra Mundial. O motivo para a queda do termo “holocausto” está em seu significado.

Holocausto é uma palavra de origem grega que significa “todo queimado” (ver definição na capa deste fanzine) e é uma referência ao sacrifício que os povos antigos realizavam para seus deuses. Os judeus do Antigo Testamento realizavam holocaustos para Jeová. O holocausto hebraico era realizado como uma forma de expiação aos pecados cometidos, levando o indivíduo à purificação.



Judeus resgatados pelas tropas aliadas

Assim, se o termo “holocausto” significa um sacrifício oferecido a Deus, não podemos utilizar esta expressão para nos referirmos ao que os nazistas fizeram com os judeus nos campos de concentração durante a Segunda Guerra.

É por esse motivo que a expressão “holocausto” está sendo substituída pela palavra “shoáh”. Shoáh é uma palavra de origem hebraica e significa “catástrofe”, muito mais adequado para definir o que aconteceu nos campos de concentração nazistas.

Shoáh deverá ser a expressão que irá aparecer em livros, materiais didáticos, revistas e sites que tratem da brutal catástrofe que consumiu a vida de mais de 6 milhões de judeus durante o regime fascista alemão.

Outros fanzines disponíveis em www.historialivre.com

HOLOCAUSTO OU SHOÁH?

Disponível em www.historialivre.com

HISTÓRIA
LIVRE.COM
25 de maio de 2015
(2ª Edição)

Holocausto vem do grego (ὅλος = “todo” e καυστον = “queimado”) e significa o sacrifício oferecido (queimado) a Deus. Era o sacrifício que os judeus do Antigo Testamento ofereciam a Jeová. Por esse motivo, hoje se utiliza a expressão **Shoáh** (catástrofe) para designar o que os nazistas fizeram com os judeus na II Guerra Mundial.

Depoimento de
**MAX WACHSMANN
SCHANZER**
Sobrevivente do
Holocausto.
>> Página 4 <<

Entrevista com
JOÃO FABER
Alemão que vivia no Brasil
na época da Guerra.
>> Página 3 <<

Montado por
MARCOS FABER



Gueto: nome que davam ao bairro onde minorias étnicas eram forçadas a morar. Durante a II Guerra, os judeus eram arrebanhados nos guetos antes de serem enviados aos Campos de Concentração. Nestes locais, eles eram obrigados a viver em condições de superpopulação e sujeira.

A BORBOLETA

Por Pavel Friedmann (06 de abril de 1942)

A última, mais do que a última,
Cheia de vida e brilho, cheia de encanto amarelo.
Talvez se as lágrimas do sol pudessem cantar
E escrever sobre a pele branca...

E que, que amarelo!
Foi carregada levemente para o alto
Foi-se embora, eu tenho certeza, porque desejava
Beijar o mundo pela primeira vez.

Há sete semanas eu vivo aqui.
Tristemente dentro desse gueto.
Mas eu encontrei minha gente aqui.
As flores me chamam,
E os galhos floridos das castanheiras no campo.
Só que eu nunca mais vi outra borboleta.

Aquela borboleta foi a última.
Borboletas não vivem aqui,
No gueto.

Dois anos após compor este poema, Pavel Friedmann morreu no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Pavel tinha 22 anos quando morreu vítima das câmaras de gás nazistas.

Editorial

Fanzine: HOLOCAUSTO OU SHOÁ?

Responsável: Marcos Faber

Primeira edição 25 de outubro de 2011.

Segunda edição 25 de maio de 2015.

www.historialivre.com

PRIMAVERA

Por S. Kaczerginsky (abril de 1943)

Eu vago no gueto
De rua em ruela
E não consigo achar um lugar
Não encontro minha amada
Como se pode aguentar?
Gente digam pelo menos uma
palavra
Sobre meu ser se reflete
O céu azulado
E o que me resulta disso agora?
Estou parado como um pedinte
Junto a cada portão
Eu imploro um pouco de sol.

Primavera, leve minha tristeza
E traga minha amada,
Minha adorada de volta
Primavera, sobre tuas asas azuis
Leve meu coração contigo
E devolva-o a à minha amada
Primavera, sobre tuas asas azuis
Leve meu coração consigo
E devolva-o à minha amada

Neste ano, a primavera
Chegou cedo
Floresceu a saudade por você
Eu a vejo como se fosse agora
Carregado de flores
Com alegria, você veio ao meu
encontro
O sol esparramou
Seus raios no jardim
O verde brotou da terra
Minha adorada, minha querida
Onde você sumiu?
Você não sai da minha mente.

Primavera, leve minha tristeza
E traga minha amada,
Minha adorada de volta
Primavera, sobre tuas asas azuis
Leve meu coração consigo
E devolva-o à minha amada
Primavera, sobre tuas asas azuis
Leve meu coração consigo
E devolva-o à minha amada.

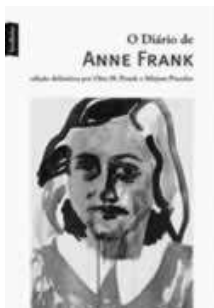
Originalmente *Primavera* (originalmente "*Friling*", em alemão) foi composta na forma de poema por S. Kaczerginsky, no gueto de Vilna. O autor havia perdido a esposa, morta pelos nazistas. *Friling* é ao mesmo tempo, um pranto de dor pela perda da esposa e um desabafo de alguém prestes a perder as esperanças.

Posteriormente, o também judeu, Abraham Brudno transformou o poema em música. *Primavera* passou a representar a dor de um povo brutalmente perseguido e que não entendia as razões disso acontecer.

DICAS DE LITERATURA E CINEMA

Literatura

O DIÁRIO DE ANNE FRANK



O Diário de Anne Frank é um relato fundamental para a compreensão da II Guerra Mundial. Mesmo em meio à perseguição nazista, Anne, então com 13 anos, enfrentava os mesmos problemas característicos da adolescência como qualquer outra menina de sua idade. Seu diário está entre os documentos mais duradouros produzidos no século XX, pois é uma narrativa incomparável de como milhares de judeus foram obrigados a viver escondidos do horror nazista.

Cinema

A LISTA DE SCHINDLER



De Steven Spielberg, o filme é um testemunho da perseguição nazista aos judeus. Baseado no livro homônimo de Mietek Pemper, narra a história do empresário alemão Oskar Schindler e como ele salvou a vida de milhares de judeus das garras nazistas. O filme venceu 7 *Oscars*, entre eles de melhor filme, roteiro e direção. Em 2007, o *American Film Institute* elegeu *A Lista de Schindler* como o oitavo melhor filme americano de todos os tempos.

História em Quadrinhos

MAUS



História em Quadrinhos de Art Spiegelman, que narra a história de Vladek Spiegelman, pai do autor, um judeu sobrevivente dos campos de concentração nazista. De forma bastante inovadora, Spiegelman representa cada grupo étnico por meio de um animal em particular, assim, os judeus são representados por ratos (“*maus*” em alemão) e os nazistas como gatos. *Maus* proporcionou a Spiegelman receber o prêmio Pulitzer de 1992 (única vez que uma HQ venceu o prêmio).

DESCENDENTES ALEMÃES NO BRASIL DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Por Marcos Faber

Antes da Segunda Guerra Mundial, Hitler não era visto como a encarnação do mal, como hoje é entendido. Ao contrário era visto como uma reação nacionalista natural às fracassadas tentativas de reerguer a Alemanha após a derrota na Primeira Guerra e a crise econômica gerada após o Crash da bolsa de 1929.

Na verdade, a adoção de políticas nacionalistas de extrema direita não eram exclusividade dos alemães, pois Itália, Espanha, Portugal, Grécia e, até mesmo, Brasil e Argentina, adotaram, nesta mesma época, regimes autoritários nacionalistas como forma de combater o avanço do comunismo e, principalmente, superar a crise econômica que abalava o mundo capitalista.

Dentro desta perspectiva. Entrevistei João Faber, filho de alemães, nascido no Brasil e que vivia em Niterói (Rio de Janeiro) na época da Guerra.

É verdade que muitos alemães, residentes no Brasil, tinham *Mein Kampf* (“*Minha Luta*” livro escrito por Adolf Hitler) em casa?

“Nas comunidades alemãs era muito comum ter em casa *Mein Kampf*, os nazistas enviavam o livro para seus conterrâneos em outros países. Mesmo porque, no início, as ideias de Hitler não eram consideradas perigosas”.

O senhor tinha 26 anos quando começou a Guerra, qual foi sua reação?

“Todos ficaram muito apreensivos. No início da Guerra, o governo de [Getúlio] Vargas não se posicionou de nenhum dos lados em conflito. Nesta época eu morava em Niterói [RJ], na capital, os *integralistas*, grupo formado por brasileiros e liderados por Plínio Salgado, estavam apoiando o nazismo”.

Qual foi a posição de sua família frente à ascensão nazista?

“Lembro que desde o início do governo de Hitler, meu pai temia que os alemães que viviam no Brasil sofressem represálias. Nós não éramos nazistas, nem sequer concordávamos com essa ideologia. Mas temíamos que nos acusassem, mesmo que falsamente, de sermos nazistas”.

Vocês sofreram represálias por serem descendentes de alemães?

“Nós, não. Mas muitos alemães ou descendentes de alemães, sim. Alguns chegaram a mudar de nome, outros chegaram a pintar o cabelo para não serem identificados como alemães. Todos tinham muito medo!”

João Faber nasceu em Poços de Caldas (MG), em 16 de agosto de 1913, mas na época da Guerra vivia em Niterói (RJ). Entrevista concedida entre os meses de agosto e dezembro de 2006.

TESTEMUNHO DE UM SOBREVIVENTE

Max Wachsmann Schanzer em 22 de outubro de 2011

Em setembro de 1939, quando a Guerra começou, eu tinha 11 anos. No ano seguinte, eu e minha família fomos confinados no gueto de Shredlice, na Polônia. Em 1943, numa das seleções que os nazistas realizavam para separar os mais frágeis dos aptos ao trabalho pesado. Meus pais e minha irmã de 5 anos foram levados em vagões de gado para o campo de concentração de Auschwitz. Após a Guerra eu iria ficar sabendo que todos eles haviam sido mortos nas câmaras de gás.



Entrada do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.

Eu e meus irmãos, considerados aptos ao trabalho pesado, fomos distribuídos em campos de concentração de trabalhos forçados. Cada um foi enviado para um local diferente.

Passei pelos campos de Markstet, Fynftaichen e Goerlitz, todos na Alemanha.

Nos campos de concentração fui destituído de identidade e dignidade. Eu não tinha mais um nome, apenas era reconhecido por um número: 25861. Número que me foi tatuado no braço e que jamais esquecerei.

Nestes locais fui submetido a situações desumanas, trabalhando na escavação de fossos de grande profundidade, sob condições indescritíveis. Enfrentávamos temperaturas de 25°C negativos. Num dos tantos dias de trabalho, me sentia tão mal que me escondi para não ter de ir trabalhar nas escavações. Porém fui encontrado pelos cães farejadores. O comandante mandou que me castigasses com 50 chicotadas. Como eu estava extremamente debilitado, desmaiei após o trigésimo quinto açoite. Quando acordei, na enfermaria, estava com a pele toda rasgada e com alguns ossos fraturados. Entretanto foi o que me salvou, pois naquela semana, os outros prisioneiros foram todos mortos pelos guardas.



Max em 2011, aos 83 anos.

Em 1945, quando os alemães já previam a derrota, os nazistas tentaram fugir. Contudo, temendo o Exército Vermelho (comunista da União Soviética), os alemães fugiram em direção às tropas norte-americanas. Para garantir sua segurança, os soldados nazistas levaram cerca de 500 judeus prisioneiros, entre eles estava eu. Os prisioneiros poderiam servir de moeda de troca numa rendição. Porém, ao encontrarem soldados russos, retornaram ao campo de concentração de Goerlitz. Menos de 50 prisioneiros sobreviveram, os que não morreram de inanição ou frio foram fuzilados pelos soldados nazistas.

Mas graças a D'us o pesadelo estava prestes a terminar, e em 8 de maio de 1945, fui libertado por soldados russos. Então fui enviado à Polônia, porém, nada do que eu tinha antes da Guerra existia. A maior parte de minha família havia sido morta. Aos 17 anos eu estava sozinho, com tifo e início de tuberculose.

Auxiliado pelas Comissões de Apoio aos Sobreviventes fui enviado à Alemanha, depois à França, de onde embarquei para a Argentina e, de lá, para a Bolívia. Até que em 1954 mudei-me para Porto Alegre, onde constitui família e vivo até o dia de hoje.

Max Wachsmann Schanzer, judeu, nascido em Jaworzno, Polônia, em 08 de fevereiro de 1928. Atualmente reside em Porto Alegre com a esposa Paula, com quem teve 3 filhos e 2 netos.

Testemunho concedido durante a II Jornada Interdisciplinar sobre o Ensino da História e da Memória do Holocausto. Porto Alegre, 22 de outubro de 2011.